Anno II — OVAR, quinta-feira 3 de Março de 1910 — Numero 37

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida
Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA
Em Ovar, (villa) semestre . . . . . 500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre . . . . 600 »
Brazil, semestre . . . . . 700 »
Avulso . . . . . 20 »

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,,
Composição e impressão—IMPRENSA CIVILISAÇÃO
de Viuva Lemos & Gonçalves
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

A OBRIGA

Defeza Nacional

No seu ultimo numero publicou este jornal, transcrita de «O Seculo» uma carta d'um militar portuguez a proposito da fraze celebre do tarimbeiro espanhol, jeneral Weler. A fraze foi desmentida pelo ministro espanhol em Lisboa e pelo governo espanhol, mas a verdade é que esses desmentidos são verbalismo protocolar, quase sempre tão verdadeiros como uma *corôa* de chumbo.

Por mera delicadeza devemos convir em os aceitar, guardando sempre no memorandum a afirmação alarmante. Desde sempre o nosso inimigo tradicional, o nosso adversario constante, outro não é que não seja a Espanha.

Toda a historia portugueza é fertil em guerras com os nossos vizinhos, impenitentes na sua ancia, quaze obsersão, de nos reduzirem ao seu dominio. O tempo e a civilização contemporanea não modificaram em nada, nesse particular, a ambição e o pensamento do paiz vizinho. Sobre Portugal, em Madrid como em todo o reino, nas esferas oficiaes como nas camadas populares, tem-se hoje modo de pensar nada diverjente do de Filipe II e da sua côrte. Essa idea oculta, essa ambição latente, que encontramos mais ou menos viva em todo o espanhol que se preze, tomou ainda mais consistencia, mais decizão e maior volume apoz a perda das colonias, depois da ingloria guerra com os Estados Unidos.

A invazão de Portugal e sua incorporação na Espanha são a compensação dos desastres militares e das perdas de territorio, isso é monologado por toda a jente, fronteiras de Portugal para além.

E' o facto de sêr a reprodução de um sentir coletivo; é o facto, póde, quase, dizer-se, de equivaler a um pensamento nacional persistente, o que torna grave e importante a inadvertida fraze de Weler.

Mas não é tudo, ha ainda mais alguma coiza.

A Espanha vae reorganizar as suas forças de mar e terra, como estavam já muito mais poderozas do que as que se diz nós temos, e, é tal o interesse que lá se vota a essa transformação que o proprio Afonso XIII deixa o seu sueto em Sevilha para ir, propozitadamente, assistir a um conselho de ministros onde o titular da pasta da guerra aprezentaria esse plano completo.

A reforma do exercito de terra compreende o serviço militar obrigatorio, mobilização rapida e perfeita de um ezercito de 600:000 homems, aquizição de poderozo e abundante trem de artilheria, construção de quarteis, aumento e melhoramento de serviços militares auxiliares; todo um projecto serio, profiquo, elaborado com metodo organizado cientificamente.

A reforma da marinha, em execução desde o anno passado, comprehende a construção de unidades de guerra de combate como poderozos couraçados, destroyers, e trabalha-se nessas construções sem descanço nos arsenaes do Ferrol. Isso é o que se sabe, o que se vê, e que não é de molde, seguramente, a que fiquemos tranquilos, braços cruzados, olhos postos na providencia... da ladra ingleza.

Dentro em quatro ou cinco anos a Espanha fica preparada para á primeira voz dispôr de 600:000 homems providos de tudo que torna forte um ezercito; dentro de quatro ou de cinco anos possue a Espanha uma esquadra, forte bastante para destruir sem receio a nossa esquadra de papelão, forçar as defezas militares do porto de Lisboa, e establecer em toda a costa de Portugal um bloqueio eficaz e horrivel.

Ora isso é que torna grave a pretensa fraze de Weler e o sentimento da Espanha a nosso respeito.

Em tempos de paz, de tranquilidade na Europa, a invazão de Portugal por um exercito da Espanha é aventura mais que improvavel, é hipoteze quase quimerica.

Mas no cazo de uma conflagração europea, envolvidas em guerra as grandes potencias do continente a que pertencemos mudaria o cazo já de figura.

Então, fatalmente, sofreriamos o ataque dos nossos irrequietos e ambiciozos vizinhos e haveriamos de acudir á nossa defeza com o recurso das nossas forças. A Inglaterra, comprometida em acordos ou tratados de aliança, como o que ha pouco celebrou com a Espanha, ameaçada por inimigos poderozos, a defrontar-se com a Alemanha, por ezemplo, não teria forças nem tambem vontade de enfraquecer a sua defeza ou o seu ataque para nos acudir no aperto.

Acreditar o contrario é embarcarmos no baixel da credulidade imbecil para o naufragio total; imajinar que os outros na hora do proprio perigo, viriam em nosso auxilio é rematada loucura.

Ficariamos sós, e não esqueçamos que na Europa o solo estremece por toda a parte com o rumôr cada vez mais alto da guerra inevitavel que se aprossima, guerra que se póde evitar diplomaticamente por alguns annos; mas guerra que será o epilogo certo da febre dos armamentos e da grande guerra economica em que se encarniçam as nações.

Deviam vêr isto os nossos estadistas—passe lá a designação—e como o perigo não aparece agora, repentinamente, senão que já é antigo, deviam-se ter precavido. Deviamos ter um ezercito—o que temos é alguns oficiaes do ezercito e consideravel numero de jeneraes; deviamos ter uma esquadra e o que ha é almirantes, contra-almirantes e uma oficialidade luzida. O estado das defezas do paiz é tão irrizorio que qualquer corpo de ezercito inimigo as venceria sem custo. No mar estamos á mercê do adversario, em terra a situação não é melhor; os proprios ministros da monarquia e os competentes se não pejam de o confessar.

A monarquia portugueza, em materia de defeza nacional, só conhece providencias para armar e ter bem folgadas as guardas municipaes e a policia, porque dos municipaes e policias se confia a salvaguarda do trono contra os embates da democracia.

O resto não conta, e assim se tem mantido a mais ignara indiferença pelo que respeita á constituição de forças militares de defeza de mar e terra.

Temos um encargo anual de 14:000 contos para as forças terrestres e navaes; só nos ultimos dez anos, afora creditos extraordinarios, temos gasto com o ezercito e com a marinha nada menos de cento e vinte mil contos!

E para quê?...

Para estarmos desprovidos, de todo, de recursos militares; para não termos garantida a eficacia da rezistencia na conjuntura d'um ataque.

Diz-se que á dinastia bragantina e ao sistema monarquico está afecta, indissoluvelmente, a nossa independencia, e é tão falsa, tão gratuita, tão destituida de senso a asseveração, que não é custozo verificar, ao contrario, que a monarquia pela sua inepcia e incompetencia admnistrativa conserva o paiz dezarmado, falto de defeza, em excelente estado de sêr absorvido por estranjeiros.

Na republica suissa, com um dispendio anual bastante inferior ao que em Portugal custa o ezercito de terra, conseguiu-se assegurar a defeza nacional: nesse pequeno paiz podem mobilizar-se quatrocentos mil soldados em curto prazo, e nada falta a esses homems para os tornar uma força solida, admirada e temida.

As suas manobras do ano findo foram a constatação retumbante do que havemos acima dito; admiraram-as oficiaes ezijentes, tecnicos notaveis entre os militares da Alemanha e França.

Nós, com o nosso orçamento de guerra—agora quatorze mil contos—se tivesse havido inteligencia, emprego honrado do dinheiro, tino d'aplicação, podiamos, seguramente, têr uma esquadra para salvaguarda do litoral; poderiamos têr um ezercito que inspirasse respeito e servisse para assegurar a defensão das nossas provincias e da capital e, na fronteira, poderiamos dispôr de uma linha de boas fortificações tornando precaria e incerta a pozição do invazor. Sem agravar os tributos que já pagamos para o custeio das forças de guerra, poderiamos, se tivesse ezistido um plano de defeza, e esse plano honestamente e rigorozamente fosse cumprido estar em condições de repelir, afortunadamente, o primeiro audaciozo que nos hostilizasse. Paizes pequenos o conseguem, porque se é certo que forças militares ofensivas só as podem ter as grandes potencias, tambem é certo que recursos defensivos suficientes os podem possuir as nações pequenas. Nós estamos dezarmados por culpa excluziva do rejime, e não porque não nos tenhamos sacrificado pela defeza da nossa patria. A monarquia constiticional que contraíu uma divida fundada de perto de oitocentos mil contos, a monarquia que arranjou uma divida flutuante de oitenta mil contos de reis, a monarquia que recebe de impostos extorquidos á nação para cima de sessenta mil contos, não nos deu elementos valiozos de defeza, como nada de bom nos tem dado. Se amanhã, por virtude de o permitirem as circunstancias, os espanhoes realizassem a ameaça contida na fraze do jeneral Weler, a guerra não seria um simples passeio militar como petulantemente assegura o oficial espanhol, porque o povo e o ezercito portuguez se defenderiam com desespero; mas atacados por terra e mar com forças poderozas, desprovidos de meios de valorizar a rezistencia, acabariamos, desgraçadamente, por perder a angustioza partida. De nada nos valeria a radioza mocidade do rei, e chorariamos, mas já tarde e sem remedio, o desastre a que a monarquia nos destinou . .

Antonio Valente.

ECHOS DA SEMANA

Caridade catolica

De quando em quando, na imprensa, aparecem censuras a clerigos que obstam, teimozamente, a que se sepultem nos cemiterios, cadaveres fora das graças das santissimas almas negras. Ou porque sejam de suicidas, ou porque sejam de acatolicos, ás vezes mesmo, por motivos futeis, a vingança e o odio clerical cevam-se no respeito devido aos mortos e na consideração devida ás familias anojadas. Taes factos revoltantes, e de ha tempos para cá frequentes, dão-se e passam com o corretivo lijeiro de um protesto anodino que lhes não evita a repetição.

Urje portanto secularizar os cemiterios, para quebrar nas mãos fanaticas a arma que reles e vergonhozamente manejam.

Reliquias caras

Ha tempos foi mandado para Loanda um dos respeitaveis macrobios da nossa marinha... de guerra, o transporte «Africa». A muito teimar e a muito custo lá conseguiu a carcassa chegar ao logar de destino mas a viagem acabou de a pôr na espinha. Está improprio para o serviço naval, a desfazer-se, ankilozado, em putrefação. Pois sendo uma necessidade publica leiloal-o para combustivel lá continua na rada, a agonizar em frente a Loanda e a figurar no orçamento com a verba de noventa contos—que é quanto custa—por anno...

A' meza

El-rei teve uma idea luminosa, uma idea verdadeiramente feliz, que denota experiencia, bom senso, tino, e conhecimento pratico notavel. Essa idea foi a lembrança de dar banquetes, sentando os politicos á sua meza.

Reunidos em volta do mesmo jantar, progressistas, dissidentes, teixeiristas, henriquistas, vilhenistas, azevedistas, franquistas e nacionalistas, D. Manoel tel-os ha inspirado a fazerem cerco á roda do trono n'um grande agape governamental em que a ração... seja para todos.

O começo ou prologo do governo assim constituido deu-lho el-rei, n'aquela tocante camaradajem do banquete com que a rejia mumificencia houve por bem confortal-os. Para que hão-de guerrear-se, dividir-se, se o coloquio entre Jacinto Candido e Alpoim foi tão terno, se Vasconcelos Porto e Vilhena tão bem se estimavam á meza, e se Teixeira de Souza e Campos Henriques tocaram as taças tão enternecidamente, no momento grave das saudes?...

Toca a seguir a lição do real senhor, reunir, acomodarem-se todos á mesma meza redonda, saborearem como amigos todos os bocados, e ordenar novos adeantamentos para o luzimento e grandeza dos banquetes feitos e a fazer.

Adeantamentos

Como já aqui lhes contámos, Campos Henriques atirou ás canelas do seu rival o cãozarrão de adeantamentos a particulares concedidos por Teixeira de Souza. Este, nas «Novidades», deu o troco dos adeantamentos de Campos Henriques—grossas dezenas de contos—dados á caza real sob a rubrica de dinheiros para obras nos reaes palacios.

Agora, ralhando a propozito da pesca de correlijionarios, Teixeira de Souza acuza Campos Henriques de ter feito peor do que ele, pois que o primeiro adeantou e o segundo deu por sonegação.

Adeantar o que nunca mais se reaverá na linguistica das «Novidades» já não é dar criminozamente...

Está muito bem — mas continuem as revelações em começo, que a classificação nós outros cá a faremos.

Depondo

Falando em nome da Associação Commercial do Porto, conferencia realizada na Liga Naval, o dr. Julio de Araujo disse que a coletividade em cujo nome falava «compreendeu desde logo que o estudo do problema financeiro não pode avaliar-se sem se analizar primeiro o problema economico. E, ao apreciar-se este ultimo, vê-se que a ação dos administradores das finanças do estado não podia ter sido mais nefasta».

«Não podia ter sido mais nefasta» torne-se a ler porque vale a pena...

Parlamento

Hontem, com o ceremonial do costume, lá abriu aquela casa de negocios a que pompozamente se dá o titulo de parlamento.

Ninguem, a não ser os politicos e os que por dever de oficio teem de atentar n'aquillo, deu por isso, tal e tão funda é a dis-

sociação entre o paiz e aquela falsificação grosseira.

Pois abriu, e já ficam assim sabendo que se mal vão correndo as coizas, peores as torna o facto de em S. Bento haver um governo com os chamados representantes da nação a lejislar, reformar, e parolar amistozamente.

Ha muitos anos que não tem sido senão nocivo, e como nos ultimos tempos a decadencia se ha agravado, a sua ação dissolvente só tem ganhado em virulencia.

Aquilo não é parlamento, é uma assembleia jeral da sociedade irresponsavel—«A Devorista»—e por isso se explica que só tenha servido os interesses dos seus filiados defraudando e enganando o paiz.

Em casa de ferreiro

Roma a «cidade eterna» do catolicismo é a cabeça desse corpo relijiozo, e lá eziste o papado. Pois comtudo isso ou, mesmo, por tudo isso, Roma é uma das capitaes mais livre pensadoras da Europa.

A prova deu a manifestação á memoria de Jiordano Bruno e de Ferrer—o recente martir da igreja. Tão grandioza foi a manifestação que tendo os clericaes e a sua imprensa dirijido um apelo afim de se fecharem as portas e as janelas á passajem do cortejo, estas se achavam cheias de jente que em toda a parte se associava aos manifestantes.

Não ha remedio, agora, senão realizar nos templos um «Dezagravo» com recheio de lamentações pela impiedade que sopra, e ijamente... junto ao Vaticano.

Lá... e cá

Relatam os jornaes que na visinha Espanha um commissario de policia galgára muros, se ferira, arrostára perigos varios, para cumprir o dever d'evitar que se realisasse um duello.

Chegou mesmo a metter-se entre os contendores com risco da propria vida, mas sempre o evitou.

Tal qual como cá.

Aqui a imprensa noticia um duello com o nome dos duellistas, arma escolhida, local e hora da fantochada, com os pormenores com que noticia uma festa ou uma desordem.

Pois nem mesmo assim a policia e as auctoridades quer administrativas quer judiciaes teem conhecimento do facto.

Pelo que diz respeito á policia ainda se dá desculpa; ou hão de evitar duellos ou roubos nas ourivesarias. Optaram por estes que effectivamente teem mais importancia e d'então para cá, em materia de roubos,—é o que se está vendo... um cada dia apenas.

Assim, *valientes* bufos da Parreirinha!

ARA

FABULA

Um sabio curiozo e anelante
achando um diamante de valia,
para saber ao certo o que seria,
analizou na pilha o diamante.

Mas viu assim perdida a joia bela,
e teve a mais cruel deziluzão,
parecia-lhe um pedaço d'uma estrela
e era apenas um chisco de carvão.

Se queres ser feliz, como me dizes,
não analizes, não, não analizes.

Bartrina.

Peregrinações

Não é das do famozo viajôr portuguez Fernão Mendes Pinto que aqui vamos tratar, ao correr da pena. E' das que constituem um dos pratos de rezistencia da atual coscovilhice politica, as peregrinações de Teixeira de Souza, novo Messias d'um dos ramos do finado partido rejenerador.

Realizada a investidura, foi o senhor das aguas de Vidago em romaria aos seus fieis de Traz os Montes e Minho; d'ahi fez uma excursão a Cascaes, abalançou-se, depois, á jornada heroica de Faro; e anda agora em vizita ás suas egrejas alemtejanas. Vejamos o que ele diz nas suas peregrinações de Messias.

Na reunião de Cascaes, perante um auditorio constituido pelos seus *prokombres* da capital e suburbios, Teixeira de Souza afirmou que a arrecadação e distribuição dos impostos era deploravel e vergonhoza, revelou que era fraudulenta a administração dos dinheiros publicos, que era desgraçada a instrucção publica, que não havia garantia de direitos civicos, que a lei eleitoral era uma infamia, que estavamos numa situação financeira de tal modo critica que o mais leve embaraço determinaria a bancarrota, que as colonias nunca haviam sido honrada e criteriozamente administradas; em concluzão, afirmou tudo quanto os republicanos andam dizendo ha um rôr dos annos nas suas queixas e suas censuras. Na reunião de Faro repetiu o mesmo articulado o ilustre director jeral das Alfandegas, e afirmou, mais, que a lei de 13 de fevereiro e o juizo de instrucção criminal eram instituições dignas da reprovação e hostilidade de todos os homens de bem; alvejou, pois, ainda que ao de leve, factos e agravos que nós, os republicanos, insistentemente temos combatido. Tel-o ha feito Teixeira de Souza por andar trilhando o caminho agreste e dezagradavel da opozição?...

E' possivel, é até muito provavel a supozição, pois que os chefes monarquicos só dizem mal do ezistente quando o não dijerem á meza do poder. Seja ou não seja por isso, a verdade é que no que disse não ezajerou nem mentiu o graduado politico.

Nós não temos defeza nacional que valha, a instrucção é uma mizeria, o analfabetismo é o cancro que nos mina, as colonias são um encargo para a metrople por lá se repetirem os escandalos, o favoritismo, a politiquice e as ladroeiras da mãe patria; tudo isso é bem manifesto para que valha a pena ilustrar-se com ezemplos e provas, que aliaz todos sabem e estão aliaz á vista.

Não mentiu, não ezajerou, não foi parcial, pois, o snr. Teixeira de Souza. O que elle disse já era sabido de toda a jente, mas teve singular importancia por o dizer... um dos membros da parceria a quem se deve isso tudo.

Sim, a lei eleitoral, por ezemplo; está inquinada dos maiores vicios, essa lei, coiza interessante, foi aprezentada ao parlamento por um governo de que Teixeira de Souza era ministro; a lei eleitoral, essa porcaria, traz a assignatura d'esse politico..

No restante da acuzação, em todas as tranquibernias, infamias, concussões, latrocinios, baixezas e imbecilidades da obra monarquica; em tudo isso que faz de nós o escarneo e a sarna da civilização europea, lá figura com mais ou menos responsabilidade, maior ou menor conivencia, Teixeira de Souza, lá figura tambem o seu grupo na personalidade dos seus amigos.

Das poucas e escassas vezes que terá servido com segura vantajem o seu paiz, esta das confissões que anda fazendo é o seu melhor e mais merecedor serviço.

Com a sua autoridade, com a sua responsabilidade e com os seus conhecimentos de «pessoa de casa» Teixeira de Souza confirma, consagra o que nós vimos dizendo; como testemunha de acuzação ele depõe pela nossa cauza.

Interessante, porem, é, depois de desfiar o rozario dos males que sofremos por culpa sua e dos seus parceiros, afirmar que traz na bagajem os elixires de que depende a redenção nacional; e interessante é ir-se falar em reforma, tino, moralidade, economias, a assembleas de patuscos que teem vivido e medrado á custa da decadencia e da ruina do paiz. Teixeira de Souza confessa que os governos todos não teem sido honestos, nem intelijentes, nem justos; ele tem sido homem d'esses governos; os seus correlijionarios teem sido celulas e orgãos desses governos; e acabam ele e eles por pedir ou reclamar o governo—se se quer que Portugal saia d'este atoleiro em que só falta enterrar os olhos...

Seja em desconto de tudo isso as confissões que tem feito o chefe quando perora aos seus homens...

Pro domo nostra

XIII

Valha-nos Deus, que tanto nos custa ir tão longe!

Mas Conrart, o heroe lendario do prudente silencio, não deixou descendentes entre os vareiros, antes algum espirito travesso terá communicado a muitos aquella incontinencia de lingua, que fez perder o peixe.

Está n'este caso a ultima parte da local «variola» de «A Discussão», a qual não póde ter deixado de ser inspirada directamente pelo snr. sub-delegado de saude, que é o unico a saber se os facultativos cumprem, ou não, o regulamento.

Sendo assim, *doa a quem doer* como na local se diz vamos responder ao snr. sub-delegado de saude, sentindo ter de o deixar em peor situação, do que estava antes da malfadada defeza.

Claro está que não desejamos attingir a sua dignidade pessoal, nem a sua competencia, que reconhecemos ser grande. Esta affirmativa seria inutil, se não receassemos ser malsinados por uns certos leitores estupidamente malevolos e ociosos.

* * *

Deixemo-nos de *caixas encouradas*; a ultima parte da local traz sobrescripto, apraz-nos aparar o bote. Vejamos quem cumpre ou deixa de cumprir o seu dever.

Não temos nem acceitamos procuração dos medicos de Ovar para os defender de uma accusação, que não sabemos até que ponto será verdadeira, mas, já que a provocamos, devemos-lhe uma resposta.

Para isso vamos para aqui transladar com toda a fidelidade, o que nos disse um medico a tal respeito.

Diz nos elle que effectivamente o art. 60 do R. G. de Saude e Beneficencia Publicas obriga os clinicos, *sob pena de desobediencia*, a participar ao sub delegado qualquer caso ou obito de molestia infecciosa, que na sua clinica se dê; que não sabe se esse artigo se cumpre da parte dos outros medicos, mas se se não cumpre, uma das causas será a falta de *coragem moral*, que não consente ao snr. sub-delegado compellil-os ao cumprimento do seu dever, cumprindo o seu.

Que pela sua parte não cumpre o regulamento n'esse ponto e d'isto já teve occasião de fazer sciente a auctoridade sanitaria.

Sendo assim, compete-lhe justificar-se, publicando os motivos de um procedimento na apparencia faltoso.

Continua o mesmo facultativo a dizer-nos, que começou por executar religiosamente o R. de Saude e hoje não faz as participações exigidas pelo artigo 60 pelos seguintes motivos:

1.º—as suas participações foram sempre *inuteis*, pois *nunca* deram logar a qualquer desinfecção domiciliaria, isolamento ou quaesquer medidas de ordem geral, attinentes á prevenção, limitação ou extincção da epidemia;

2.º—que assim perdia um tempo, que não póde desperdiçar, e gastava um dinheiro, que adquire com sacrificio;

3.º—que, tendo feito uma vez uma participação de obito por meningite cerebro-espinal, precisou de rogar pessoalmente a desinfecção a qual se levou a effeito do modo seguinte: um official de diligencias levou á cabeça um pote de agua de sublimado, que despejou quasi todo pelo caminho, e, chegando-se ao domicilio infectado, mandou-se retirar a roupa que tinha servido na molestia (sic), aspergindo-se depois o sobrado com um pincel de caiar á maneira de um hyssope. (Ainda se a agua fosse benta e a molestia o diabo, recitando-se o psalmo *aspergé-me hyssopo*, bem poderia resultar efficaz o exorcismo);

4.º—que n'esta desinfecção o odioso, que a ignorancia attribue sempre a estes casos, foi lançado aos hombros do participante, que de resto não gemeu com o pezo;

5.º—que n'um caso de morte por tuberculose instou varias vezes para se fazer a desinfecção, a qual foi feita *oito dias depois* e pelo processo ridiculo já descripto;

6.º—que, passando sempre as certidões de obito em conformidade com a lei, isto é, não deixando fazer enterro com acompanhamento nem demorar o cadaver em casa, nas defuncções por molestia contagiosa, principalmente em casos de variola, nunca lhe constou nem soube, que o sub-delegado de saude mandasse proceder a qualquer desinfecção domiciliaria;

7.º—que isto lhe valeu uma descompostura, aliás com apparencia de justiça, em plena rua, de uma mãe, a quem elle não deixára enterrar um filho com musica e *enterrido*, quando um visinho nas mesmas circumstancias e na mesma occasião o conseguira sem opposição da auctoridade sanitaria;

8.º—que nos casos de variola, por exemplo, é infinitamente mais perigoso tudo o que serviu na doença, como roupas, cama e compartimentos, do que um cadaver immovel no seu esquife, lavado por via de regra, de facilima desinfecção e vestido de lavado;

9.º—que, não obstante o snr. sub-delegado de saude tomar fatalmente conhecimento d'estes casos rapidamente por intermedio das certidões de obito, se não tem feito nenhuma desinfecção domiciliaria;

10.º—que não é tambem por falta de apparelhos, que se não fazem, pois ahi ficaram depois de um celebre caso de peste;

11.º—finalmente, que fazer as participações n'estas condições é ter a certeza prévia de produzir um trabalho inutil, que abonaria pouco o juizo de quem o fizesse.

Diz-nos o nosso informador, que foram estas as razões, que o levaram a de proposito deixar de fazer as participações.

Julga elle, que aos outros, se tambem as não fazem, succederá o mesmo.

Mas para que precisa o snr. sub-delegado das participações? acaso desconhece S. Ex.ª, que é clinico, o estado sanitario da villa? fica por esse facto desobrigado de promover tudo o que fôr necessario a favor da saude publica? allivia isso em alguma coisa a sua responsabilidade?

Os cuidados no domicilio il-os-hão os assistentes recommendando e pondo em pratica; á auctoridade sanitaria só temos pedido medidas geraes, e d'estas só aquellas, que são de facil execução e não acarretariam o mais ligeiro attricto, e para as quaes não é precisa a famosa participação.

Pois é porventura preciso, que qualquer facultativo lhe participe este ou aquelle caso de variola, para que S. Ex.ª proceda á vaccinação permanentemente? desconhece S. Ex.ª a existencia da febre typhoide, para que se quede tranquillo sem mandar proceder á analyse das aguas? que tem feito S. Ex.ª como sub-delegado de saude? colleccionado certidões de obito e riscado mappas, a que não póde fugir.

Já vê a «Discussão», que foi má a hora, em que se arvorou em paladino da auctoridade sanitaria.

Quando S. Ex.ª accusou os medicos de não fazer as participações, era natural perguntar se não haveria para isso razões fortes. Precipitou-se a dar a *facadinha*.

Que grande coisa é ainda ter a consciencia tranquilla e trilhar o caminho direito.

Manoel Nunes.

Logares selectos

. . . . . .

Tem o governo negado o «exequatur» aos documentos emanados, a bem dizer, diariamente, da chancellaria apostolica, d'onde resultam alterações no dogma e na disciplina da religião official, ou em que são aggredidos os principios do actual direito publico portuguez?

Tem o governo imposto aos prelados a obrigação de lhe submetterem as suas pastoraes antes de serem publicadas, de modo que quaesquer novidades religiosas ou politicas não sejam propagadas pela auctoridade do alto clero? Tem o governo advertido este de que os pulpitos dos templos fundados pela nação em eras mais ou menos remotas, protegidos pelas leis e mantidos á custa do Estado, não podem servir de instrumento para a ruina do mesmo Estado?

Se tem feito e não tem sido obedecido, o governo é responsavel por não haver coagido os seus funccionarios ecclesiasticos a respeitarem as instituições e as leis do paiz. Se o não tem feito, é reu de traição contra a Carta. Nenhum parlamento impôz essa responsabilidade, é certo; nenhum provavelmente a imporá. Sei isso, e sei porquê. Não é todavia menos verdade que ha 25 ou 30 annos o clero está infringindo a Carta, se o art.º 6.º d'ella significa o que o mesmo clero e tanta outra gente pretende que signifique.

O bispo, o parocho, o missionario que propalam doutrinas tendentes a alterar a religião do paiz ou que offendam o pacto social, tumultuam.

Esses homens estão em manifesta rebellião, rebellião não porque condemnem as instituições em linguagem mais ou menos violenta, o que, se fossem simples cidadãos, constituiria apenas um delicto commum subjeito á apreciação dos tribunaes, mas porque aproveitam a força moral que lhes dá o seu caracter sagrado e a sua condicção de funccionarios do Estado para, ao mesmo tempo, inficionarem com extranhos erros a religião dos nossos paes que, immutavel, deve **continuar** *a ser a religião official e para aluirem pelos fundamentos a monarchia representativa.*

E' racionalmente possivel semelhante situação? Ha de soffrer-se a anarchia porque se agita, não nas ruas e campos mas sob os doceis episcopaes, no pulpito e no confessionario?

Alexandre Herculano.

CARTA DE LISBOA

Com a quadra quaresmal, devota e penitente, voltou o Juizo de Instrucção Criminal ás suas façanhas em prol da ordem e do ezistente.

Assim, raro se passa dia que a Bastilha não realize prizões de pacatos citadinos, sob a acuzação de que os mesmos pertencem a sociedades secretas, sociedades carbonarias de revolucionarios, arrejimentados para destruir o sistema monarquico constiticional. Essas prizões teem-se realizado com as mil cautelas e prevenções preceituadas nos manuaes de que se servia, nos seus «bons tempos», o fero Pina Manique; os prezos são arrastados para calabouços, sujeitos a uma in-

comunicabilidade tão rigoroza que nem por pessoas de familia podem sêr vistos; são misteriozamente interrogados por ajentes da preventiva, e, alfim, decorridos dias e até semanas de tão penoza situação relaxados aos tribunaes ordinarios que os soltam sob fiança.

Não é um, não são dois os cidadãos assim molestados, dezenas de pessoas teem sofrido esses vexames e suportado essas perseguições. Porquê?...

Já o dissemos, porque impende sobre eles a acuzação de serem membros de sociedades secretas.

Será a acuzação verdadeira?

Admitamos que o seja — dando credito ás asseverações da autoridade competente — admitamol-o.

Esses prezos, porém, nada fizeram contra a ordem, nada atentaram contra o rejime, não sairam para a praça publica a travar motins, a crear dificuldades á policia, ao governo, á monarquia. Podem têr-se associado com o fim de intervir por meios inconstiticionaes na politica do seu paiz; é facto, comtudo, que se se teem reunido para o fazer, até hoje por modo neuhum praticaram acto que os pozesse fóra da lei. Ora a cadeia, o estar incomunicavel, o sofrer vexames e afrontas da policia e do juiz de instrucção, está bem que seja para todos quantos são encontrados em flagrante delicto de crimes e atentados, bem é que recaia sobre todos quantos, manifestamente, hajam infrinjido as leis, criminozos com culpa formada, ou acuzados de crimes.

Não é esse o caso dos implicados na acuzação de membros de associações secretas, os quaes não incorreram, para ser prezos, em nenhum crime e em alguma malfeitoria. Portanto, não ha justificação a invocar para a esses cidadãos os perseguir, prender, vexar, prejudicar de toda a maneira. Ha uma vingança a satisfazer, ha odios a saciar, ha violencias a expliur, e é isso, em verdade, o que e o para que sofrem os encarcerados nos calabouços policiaes. Não são criminozos de direito comum pagando as consequencias dos seus desvarios, são victimas politicas do rejime, que os não pode sofrer por não fazerem parte das suas hostes.

Para os serventuarios da monarquia homens que d'ela se affastam com nojo e justificadissimo odio são facinoras que é conveniente espiar, pôr a ferros, molestar continuamente, e no juizo de instrução criminal essa monstruoza forma de proceder está consagrada como lejitima, necessaria, excelente. Pode-se roubar e formar quadrilhas de gatunajem, que a policia e o juiz de instrução não se alarmam, não se preocupam, não curam de dar remedio. Isso é delicto de nimia significação para que se deve sêr passa culpas.

Não exajeramos — os factos o afirmam todos os dias.

«Carteristas» «escrocs» «apaches» circulam dia e noite em Lisboa, realizam, descaradamente, as suas proezas, e a policia quando os apanha limita-se a tel-os no Limoeiro, uns dias ou umas horas, dando-lhes a liberdade sem custo, apoz um breve repouzo nas sombras do carceramento.

Está a primeira cidade do reino á mercê da escoria humana que lhe dá cenas de facadas, assaltos audaciozos, roubos de toda a especie e para remediar esse mal havendo um juizo de instrução, numeroza policia, ajentes especiaes, esses a quem incumbe a policia e a defensão da cidade não o fazem gravozamente. O tempo, o dinheiro que custam, os privilejios de que disfructam, a capacidade que devem ter, só os empregam com zelo e só os fazem valer com gosto nas perseguições politicas que lhes consentem e ás quaes secretos poderes do estado talvez, até, os estimulem. E' uma situação de exceção, de arbitrio, de má-fé, de nepotismo, essa que se estabelece nas alfurjas dos mantenedores das instituições e que a cidade soffre.

D'ela se origina a intranquilidade, o mal estar social, dessas perseguições politicas incomportaveis nasce um estado de espiritos tenso, ajitado, que lança na sociedade e nas almas um fermento dolorozo de inquietações e rancores profundos.

Talvez na sua inconsciencia a monarquia e os seus inabeis e incompetentes amigos folguem com esse estado de couzas, talvez no partido republicano essas prizões e essas violencias provoquem o desalento e a desesperança d'alguns espiritos.

A verdade é que muitos, e dos mais dedicados, republicanos sofrem, individualmente, as durezas da perseguição acintoza e propozitada e essas são as perdas, no cazo, que tem a rejistar a democracia.

Mas compensando, como se diz no couplet, essas dolorozas continjencias sofridas por individuos beneficiarão tarde ou cedo a sociedade por cujo progresso se verificam. As mudanças de rejime não se levam a cabo por substituição pacifica e voluntaria das partes, cada forma politica da vida dos povos vence e estabelece-se pela força, pelo acto violento da revolução.

Ora o ambiente das revoluções, o caldo de cultura de que elas nascem não é a atmosfera legal, pacifica, socegada nos espiritos e tolerante nos actos.

A atmosfera que orijina os grandes fenomenos sociaes a que chamamos revoluções forma-se quando a sociedade vive, em estado de excitação; esse estado é o que os monarquicos mais esturrados andam preparando todos os dias.

No principio do novo reinado e sob uma impressão de medo bradaram que era preciza uma «politica de acalmação». O seu temperamento, os seus interesses egotistas, a lojica das couzas não os deixaram enveredar por esse caminho sensato, e eil-os agora dentro do seu carater a irritar, atemorizar, ezasperar a população consciente e independente.

Amontoam a lenha que os hade queimar num incendio depurador, e ahi está o que perde a democracia na sua marcha para a frente com os atravancos dos seus loucos adversarios. «Deus dementa os que quer perder»; eles caminham em acelerado para a sua propria ruina —que será a salvação nacional.

X. X.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Fazem annos:

No dia 5 o applicado estudante de direito Antonio Gonçalves Santiago.

E no dia 6 o nosso amigo José Augusto Pinto do Amaral.

O nosso cartão de felicitações.

—Com muita felicidade, deu á luz na madrugada do 1.º de março uma creança do sexo feminino a snr.ª D. Maria Amelia Araujo d'Oliveira Cardoso, dedicada esposa do snr. Antonio Valente Compadre, digno recebedor d'este concelho.

Os nossos parabens aos paes da recem-nascida.

—De regresso do Pinheiro da Bemposta, encontra-se n'esta villa a snr.ª D. Maria Barbara Barbosa de Quadros.

—Partiu ha dias para o Pará o nosso correligionario snr. Manoel Pereira da Silva, membro substituto da commissão parochial de Vallega.

Muita felicidade.

Antonio Valente

Está felizmente entre nós e restabelecido da sua doença, assumindo já a direcção d'este semanario, o nosso prestimoso amigo Antonio Valente d'Almeida.

E' com o maximo prazer que registamos este facto, e renovamos aqui o nosso abraço de boas vindas.

Misericordia d'Ovar

Como estava annunciado, foi eleita na segunda convocação da assembleia geral dos irmãos, que domingo teve logar no Theatro Ovarense, a primeira mez administrativa da Misericordia d'Ovar.

A meza eleita ficou constituida pelos seguintes cidadãos:

Provedor, Dr. José Luciano Corrêa de Bastos Pina.

Secretario, João Ferreira Coelho.

Mesarios effectivos, Affonso José Martins, Antonio Soares Pinto, dr. José Maria de Souza Azevedo, José d'Oliveira Lopes e Manoel Maria Barbosa Brandão.

Substitutos, Augusto da Costa e Pinho, P.e Francisco Marques da Silva e José Maria Pereira dos Santos.

Está, pois, confiada a este grupo d'homens a difficilima missão de dirigir os primeiros passos da grandiosa instituição de caridade.

Crentes de que os irmãos eleitos estão animados de boa vontade para cooperarem no complemento da sublime empreza a que todos aspiram, esperamos que se hão-de desempenhar d'esse espinhoso cargo com aquelle interesse e paternal cuidado que caracterisam os homens de bem.

Procissão de Passos

Com o luzimento dos annos anteriores, realisa-se no domingo proximo n'esta villa a imponente solemnidade do Senhor dos Passos, que tanta fama tem não só n'este districto como tambem no Porto, d'onde costuma affluir aqui avultado numero de forasteiros.

A procissão sae da egreja parochial pelas 4 horas da tarde, encorporando-se no prestito religioso a philarmonica Ovarense.

Os sermões do Pretorio e Calvario são prégados pelo abbade de Pedroso, Gaya, P.e João Domingos de Souza Cyrne.

Os larapios costumam aproveitar-se d'esta solemnidade para o exercicio da sua arte e por isso bom é que, a auctoridade administrativa requisite alguns guardas para policiamento da villa n'aquelle dia.

A Bibliotheca Escolar

Ainda hoje não podemos, como aliás muito desejavamos, dizer nada sobre a sua installação porque, pelo menos até á hora em que escrevemos, nada de positivo tinha sido resolvido por a Direcção dos Bombeiros Voluntarios que, segundo nos dizem, já reuniu para estudar o assumpto.

O que se vê é que a Direcção quer ponderar bem as suas resoluções o que é para louvar, embora a ponderação nem sempre ande de mãos dadas com a morosidade.

Mas emfim já isto é um bom symptoma para quem, como nós, gosta de vêr as coisas correrem direitinhas; vê-se que já lá vae o tempo em que n'aquella associação se arranjavam assembleias geraes d'um dia para o outro, sem as convocar, nem deixar medeiar o praso legal, dispondo do voto dos associados como de roupa de francezes.

Emfim era preciso que o fallecido principe fosse *qualquer coisa* honoraria e não havia tempo de ouvir os socios, nem se sabia o que isso daria.

Portanto resolveu-se *o bico* com uma acta falsa d'uma assembleia idem, e se a legalidade soffreu rombo, compoz-se o *Calismo monarchico*, como agora se diz.

O que não consta é que tenha vindo um simples «muito obrigado» do agraciado, mas isso não tira.

Fallecimento

Na cidade do Pará falleceu o nosso patricio David Marques Branco, irmão do snr. Antonio Marques Branco, a quem, por tal motivo, enviamos as nossas condolencias.

Evasão de preso

Na noite de 27 para 28 de fevereiro evadiu-se das cadeias de Pereira Juzã d'esta comarca o preso Antonio Rodrigues Bento, o da Pinta, do Paço d'Esmoriz, o qual estava para ser julgado em audiencia geral no proximo dia 8 do corrente por varios furtos.

Até agora ainda não foi encontrado, apesar da sua captura haver sido requisitada para varias localidades.

Variola

Continua a fazer das suas esta terrivel doença, que parece quer entrar em todos os lares. As auctoridades competentes dormem sobre o caso, visto que, ao que nos consta, ainda providencias algumas foram tomadas sobre o assumpto.

O custo da monarchia

O Presidente da Republica dos Estados Unidos Norte-Americanos vence annualmente 125:000 francos, ou sejam:

Rs. 25.000:000

E' eleito por 4 annos.

O Presidente da Republica Francêsa vence annualmente 60:000 francos ou sejam:

Rs. 12.000:000

E' eleito por 7 annos.

O Presidente da Republica Helvetica (Suissa) tem o vencimento annual de 13:500 francos ou sejam:

Rs. 2.700:000!...

E' eleito annualmente.

Em Portugal o luxo inteiramente superfluo, d'um rei e familia, custa o seguinte, *até vêr:*

D. Manoel—1 conto de réis por dia!

D. Amelia d'Orleans (mãe d'aquelle) 60 contos por anno!

D. Affonso (tio do rei) 16 contos por anno!

D. Maria Pia (viuva de D. Luiz) 60 contos por anno!

Total—**501 contos!**

Se mais houvera!...

Accresce a isto, o goso, o rendimento dos «bens da corôa» (casa real) bem como os dos «bens particulares» do rei, e ainda o da «Casa de Bragança».

ANNUNCIOS

Agradecimento

Antonio Soares Pinto e familia, penhoradissimos, agradecem por este meio, visto a impossibilidade de o poderem fazer por outro, a todas as pessoas que pessoalmente lhes apresentaram sentimentos de condolencia pelo fallecimento de sua saudosa filha, irmã e sobrinha Anna Soares Pinto.

Districto administrativo de Aveiro—Concelho de Ovar.

Commissão de recenseamento militar

A commissão faz publico que, em harmonia com o art. 30.º do Regulamento dos serviços do recrutamento, estará patente até ao dia 15 do mez corrente, em poder do seu secretario, o livro do recenseamento, todos os dias, excepto os santificados, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, afim de ser examinado por todas as pessoas que o quizerem.

E para constar se mandou affixar o presente edital, e outros de egual theor, nos logares publicos do costume.

Sala da commissão, em 1 de março de 1910.

O presidente,

Joaquim Soares Pinto.

Bibliotheca de Educação Moderna

"SOCIALISMO E ANARQUISMO,,

Traducção de Ribeiro de Carvalho

A *Bibliotheca de Educação Moderna*, que iniciou a sua publicação com o livro **A Egreja e a Liberdade**, de Emilio Bossi, o famoso auctor do *Christo nunca existiu*, acaba de pôr á venda um novo livro, notabilissimo tambem, intitulado o **Socialismo e Anarquismo**, devido á penna de grande pensador Hamon.

E' um estudo, completo e claro, acêrca destas duas doutrinas sociaes. Poderiamos dar lhe os seguintes sub-titulos, porque todos estes assumptos são tratados no livro:

O que é o socialismo—A sua origem, os seus diversos systemas e doutrinas—O que querem os socialistas—A sociedade futura—A suppressão da miséria—A substituição dos exércitos e dos regimens penitenciários—O casamento sem auctorização paterna e sem a intervenção da Egreja ou do Estado—O amor livre—Como se pode pôr em pratica o socialismo—O socialismo e a religião—A marcha incessante para a revolução—A união de todos os revolucionarios—A propriedade e o trabalho—A constituição da familia e do ensino—O que é o Collectivismo—O que é o Communismo—O que será a sociedade no dia seguinte ao da Revolução Social—O socialismo cathólico é uma burla—Os progressos do syndicalismo.

O que é o Anarquismo—A sua origem e os seus diversos systemas—O que querem os anarquistas—Opiniões dos seus maiores escriptores—A liberdade integral, aspiração dos verdadeiros revolucionarios—O internacionalismo ou união de todos os povos—A evolução da ideia de patria—Os mártyres do Anarquismo—Os socialistas-anarquistas portuguezes—A Anarquia é o complemento do Socialismo.

Como se vê, o **Socialismo e Anarquismo**, segundo volume da *Bibliotheca de Educação Moderna*, é uma obra que estuda e esclarece aquellas duas doutrinas, tornando-se indispensavel a todas as pessoas que desejam instruir-se e que se interessam pelas modernas questões sociaes.

Preço do volume: brochado, 200 réis. Magnificamente encadernado em percalina, 300 réis.

VENDE-SE

Um magnifico predio de sobrado com quintal, agua encanada e muito bem dividido, no largo do Martyr (de traz da capella); e tambem se vende o bom predio n.º 44 da rua de Sant'Anna.

Este predio vende-se de novo por o caseiro não ter cumprido o contracto de compra. Liquidação positiva para sofrer compromissos.

A tratar com a proprietaria Joanna Rodrigues da Graça, no largo do Martyr.

INDICAÇÕES PARA TODOS

Commercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 4$980 a 5$050 réis.

Valor da libra, papel, de 4$960 a 5$000 réis.

No Brazil: cambio—15 1/4—°/ Londres, valor da libra, 15$737 réis.

Custando no Brazil uma libra 15$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 48 1/4—4$980 réis.

Cada 100$000 réis brazileiros, a esta taxa, produzem 31$650 réis, moeda portugueza.

Preços dos Generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.ª qualidade,	15 kilos.	1$400	réis
» 2.ª »	15 »	1$350	»

BAIRRADA

» 1.ª qual.,	15 kilos.	1$300	»
» 2.ª » ,	15 »	1$250	»
» 3.ª » ,	15 »	1$200	»
Batatas, 15 kilos		400	»
Centeio 20 litros		740	»
Fava, 20 litros		750	»
Farinha de milho, 20 litros		840	»
» trigo, 1.ª qual. kilo.		103	»
» » 2.ª » »		93	»
» cabecinha »		62	»
» semea superfina » »		40	»
» » grossa		38	»
Feijão vermelho, 20 litros		1$280	»
» branco, 20 »		1$220	»
» mistura, 20 »		960	»
Milho branco, 20 »		800	»
» amarello, 20 »		700	»
Ovos, duzia		140	»
Tremoço, 20 litros		380	»
Azeite, 1.ª qual. litro		300	»
« 2.ª » »		270	»
« 3.ª » »		260	»
Alcool puro, 26 litros		6$500	»
Aguardente de vinho, 26 litros		3$380	»
« bagaceira, 26 litros		2$730	»
» figo, 26 litros		1$950	»
Geropiga fina, 26 litros		2$080	»
« baixa, 26 »		1$430	»
Vinho tinto, 26 litros		750	»
» branco, 26 »		900	»
» verde, 26 »		900	»
Vinagre tinto, 26 »		700	»
» branco, 26 »		900	»

Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperança — Rendimento de janeiro a maio de 1909	1:306$010 réis
Companha do Soccorro — Rendimento de janeiro a maio de 1909	1:012$520 »
Companha S. José — Rendimento de janeiro a maio de 1909	1:588$510 »
Companha S. Pedro — Rendimento de janeiro a maio de 1909	681$990 »
Companha S. Luiz — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908	7:388$835 »

NOS CAMPOS

Rendimento de . . .

Matadouro

No mez de . . . . . .

Rezes abatidas para o consumo:

.... Bois, com o pezo de .... kilos

.... Vitelas, » » » » .... »

.... Porcos, » » » » .... »

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o **Norte** pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o **Sul** pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. . 25 réis.

idem (idem, idem), cada 15 gr.) ou fracção para Hespanha. 25 réis.

Jornaes (peso maximo 2:000 gr. cada 50 gr. ou fracção. . 2 1/2 réis.

Impressos (peso maximo 2000 gr. cada 50 gr. ou fracção 50 réis.

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis

Cada 50 gr. mais ou fracção 5 »

Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção . . . . . 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. . . . . 50 réis

» cada 20 gr. ou fracção . 30 »

Bilhetes postaes: cada . . . 20 »

Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção . . . . . 10 réis

Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção . . . . . 5 réis

Avisos de recepção—Cada um. 50 réis

Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado—Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20$000 réis ou fracção.

Encommendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros. — Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5$000 réis ou fracção. Limite 500$000 réis, 200$000 réis, 100$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sédes de districto, de comarca ou concelho.—Possessões portuguezas, 150 réis por 5$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes teem o sello correspondente á quantia por que forem emittidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES

De 1$000 réis até	10$000 réis.	10
» 10$001 » »	50$000 » .	20
» 50$001 » »	100$000 » .	30
» 100$001 » »	250$000 » .	50
Cada 250$000 réis a mais ou fracção.		50
Valor não conhecido ou declarado.		500
Cheques ao portador		20

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1$000 réis até	20$000 réis.	20
» 20$001 » »	50$000 » .	50
» 50$001 » »	250$000 » .	100
Cada 250$000 réis a mais ou fracção.		100

A mais de 8 dias de praso

De 1$000 réis até	20$000 réis.	20
» 20$001 » »	40$000 » .	40
» 40$001 » »	60$000 » .	60
» 60$001 » »	80$000 » .	80
» 80$001 » »	100$000 » .	100
Cada 100$000 réis a mais ou fracção.		100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1$000 réis até	20$000 réis.	20
» 20$001 » »	100$000 » .	100
Cada 100$000 réis a mais ou fracção.		100

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.

Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna.....	4 Badaladas
Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores....	5 »
Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta....	6 »
Bairro d'Arruella até á Poça.....	7 »
Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo...	8
Ponte Nova—Ponte Reada e Sobral.....	9 »
Estação e Pellames.....	10 »
João—Cima de Villa e logares visinhos.....	11 Badaladas
Ribeira.....	12 »
Assões—Granja e Guilhovae.....	13 »
Furadouro.....	14 »

Para cessar — 3 badaladas.

Associação de Soccorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo soccorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro—Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.
Antonio da Silva Brandão Junior.
Carrelhas & Filho, Successor.
Manoel Ferreira Dias.
Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnisadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Español»

José Luiz da Silva Cerveira, da Companhia «Internacional».

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo Manoel Valente d'Almeida.

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias) — Ferreira, Brandão & C.ª, **Moagem de Cereaes**—Soares Pinto & C.ª, Limitada **Ceramica**—Peixoto, Ribeiro & C.ª

Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—Estação, «Canastreiro»—Rua de St.ª Anna, «Central»—Rua da Praça, «Cerveira»—Furadouro, «Jeronymo»—Largo do Chafariz, «Nunes Lopes»—Rua dos Campos.

Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, **João Costa** — Praça, **José Garrido** - Rua dos Campos.

Mercearias

Abilio José da Silva—**Ponte Nova** Francisco de Mattos—**Praça**, José Gomes Ramillo — **Rua do Bajunco**, José Luiz da Silva Cerveira — **Praça**, José Maria de Pinho Valente—**Rua da Graça**, Manoel Valente d'Almeida—**Praça**, Pinho & Irmão—**Praça**, Viuva de José de Mattos—**Poça**. Viuva Salvador—**Largo do Chafariz**, Tarujo & Laranjeira—**Rua da Graça**.

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

Recebedoria

Recebedor — Antonio Valente Compadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria

Carrelhas—**Rua das Figueiras.**

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva Manoe d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 5 DE NOVEMBRO

Comboyos		Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.		Exp.	Tr.	Mix.	Rap.	Tr.	Cor.
S. Bento	MANHÃ	5,19	6,35	7	8,50	9,39	TARDE	3,6	3,30	—	5	5,59	8,45
Campanhã		5,30	6,50	7,10	9	9,55		3,30	3,46	3,50	5,10	6,10	9,5
Espinho		6,20	7,27	8	9,29	10,49		4,5	4,31	5,7	5,39	7,1	9,55
Esmoriz		6,36	7,35	8,16	—	11,2		4,13	4,48	—	—	7,18	10,4
Cortegaça		6,42	—	8,22	—	11,7		—	4,55	—	—	7,24	—
Carvalh.ra		6,48	—	8,28	—	11,11		—	5,5	—	—	7,31	—
OVAR		6,58	7,50	8,38	—	11,22		4,31	5,15	6,2	—	7,42	10,24
Vallega		—	7,56	—	—	11,29		—	—	—	—	7,49	—
Avanca		—	8,1	—	—	11,35		—	—	—	—	7,56	—
Estarreja		—	8,13	—	—	11,49		4,50	—	6,36	—	8,9	10,45
Aveiro		—	8,37	—	10,5	12,13		5,11	—	7,12	6,14	8,37	11,10

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos		Tr.	Cor.	Tr.	Mix.	Tr.	Tr.		Rap.	Tr.	Om.	Rap.	Om.
Aveiro	MANHÃ	3,54	5,5	—	7,58	—	11,3	TARDE	2,5	—	5,34	9,57	10,28
Estarreja		4,26	5,28	—	8,39	—	11,31		—	—	6,4	—	10,52
Avanca		4,37	—	—	—	—	11,42		—	—	6,12	—	—
Vallega		4,43	—	—	—	—	11,48		—	—	6,17	—	—
OVAR		4,51	5,50	7,20	9,18	10,20	11,57		—	5,35	6,27	—	11,12
Carvalh.ra		5,2	—	7,31	—	10,31	12,8		—	5,46	—	—	—
Cortegaça		5,7	—	7,36	—	10,36	12,13		—	5,51	—	—	—
Esmoriz		5,13	6,4	7,42	—	10,42	12,18		—	5,57	6,42	—	11 26
Espinho		5,30	6,16	7,59	9,49	10,59	12,34		2,39	6,14	6,55	10,36	11,43
Campanhã		6,22	7,10	8,50	11,33	11,49	1,35		3,8	7,6	7,47	11,7	12,15
Bento		6,34	7,31	9,2	—	11,58	1,47		3,18	7,15	8,1	11,17	12,26